

ZINE CONSCIENTE



#39

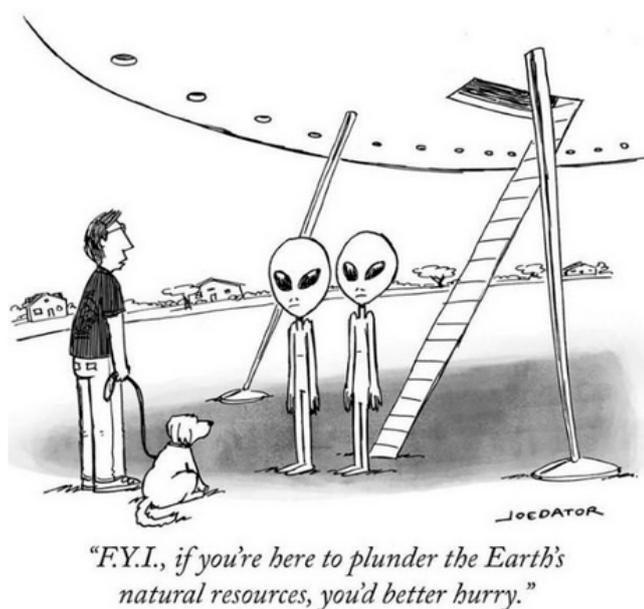


***O mindset
sustentável***

“Vivemos em uma época perigosa. O homem domina a natureza antes que tenha aprendido a dominar a si mesmo.” *Albert Schweitzer*

A velha economia baseada no acúmulo de riquezas e extração predatória de recursos naturais transformou a relação homem-natureza, rompendo com a harmonia outrora existente nesta relação. Na era moderna, o ser humano passou a encarar o meio ambiente como região a ser dominada e explorada, colocando uma pressão sem precedentes sobre os sistemas geradores de vida terrestres.

Figura 1.1: “A propósito, se vocês vieram roubar os recursos naturais da Terra, é melhor se apressarem.”



Fonte: The New Yorker Cartoons, 2019.

Ao longo das últimas décadas, o capitalismo criou riqueza (o PIB global saltou de US\$ 1,36 trilhão para US\$ 80 trilhões em 50 anos) e aumentou a expectativa de vida das pessoas, o desenvolvimento individual e o empreendedorismo. Paralelamente, porém, milhões ainda vivem em condições de extrema privação, enquanto o consumo excessivo e irresponsável dos recursos naturais se apoia em uma visão utilitária do homem. Entre esses fatores contraditórios, o capitalismo e o meio ambiente necessitam de ajustes urgentes para evitar uma catás-

trofe autodestrutiva.

Pesquisas recentes de cientistas da universidade norte-americana de Berkeley revelaram, nas palavras dos estudiosos, que “o ecossistema global como um todo (...) está se aproximando de uma mudança crítica em escala planetária por conta das ações humanas”.

Essas atividades hoje abrangem 43% da superfície do planeta, e estimativas indicam que elas afetam o dobro dessa área. Um terço de toda a água pura terrestre é desviada para consumo humano e a emissão de gases nocivos à nossa vida nunca foi tão elevada. As taxas de extinção de espécies, por sua vez, são equiparáveis às do período do desaparecimento dos dinossauros (BERKELEY, 2020).

“O preço da liberdade é a eterna vigilância”, já dizia no início do século 19 Thomas Jefferson (1743-1826), principal autor da declaração de independência norte-americana e terceiro presidente do país. Grandes empresas geram enormes impactos sobre o mundo e por isso mesmo devem assumir sérios compromissos socioambientais, monitorando os efeitos das próprias atividades. O cofundador e CEO da The Container Store Kip Tindell chama isso de “poder da vigília”, alertando que, assim como um navio deixa um rastro de mares turbulentos por onde passa, uma companhia também gera efeitos nocivos comunitários ao longo de sua trajetória – e precisa assumi-los (ESALEN, 2012).

Nesse contexto, uma palavra mostra-se fundamental ao se tratar de negócios: sustentabilidade. Pensar de modo sustentável implica a compreensão de que empresas,

sociedade e planeta estão inexoravelmente conectados. Nos últimos anos, pesquisas acadêmico-científicas sobre os problemas ambientais provocados pela ação destruidora do homem reforçaram a tese de que essas intervenções predatórias não são indispensáveis à evolução da sociedade capitalista (HBR, 2013).

A 50ª edição do Fórum Econômico Mundial, realizada em janeiro de 2020 em Davos, na Suíça, foi considerada a mais verde da história. No encontro, o alemão Klaus Schwab, fundador do evento, direcionou os debates a um futuro mais sustentável para o capitalismo, em que o verde da natureza também figurasse no centro das atenções ao lado do dinheiro. Para isso, Schwab propôs um novo tipo de economia – após o capitalismo de acionistas, que só buscava maximizar os lucros, e do capitalismo de Estado, popular em países emergentes como a China, emergiria o “capitalismo de stakeholders”. Em seu manifesto, intitulado “O propósito universal de uma empresa na quarta revolução industrial”, Schwab explica: “Uma empresa é mais do que uma unidade econômica gerando riquezas. Ela deve contemplar aspirações humanas e da comunidade como parte de um sistema social maior” (WEF, 2020).

Também participou da programação oficial de apresentações a jovem ativista ambiental sueca Greta Thunberg, conhecida por afirmar que o sistema atual representa uma traição às gerações futuras por seus graves danos ambientais implícitos. Ao discursar, Greta demonstrou uma maior preocupação com a perenidade dos negócios, destacando a importância da sustentabilidade no viés socioeconômico. Ainda nesse sentido, vale observar que, pela primeira vez em dez anos, as alterações climáticas figuraram entre os cinco maiores problemas citados por CEOs, de acordo com o relatório anual de riscos globais do Fórum.

Figura 1.2: Ativista Greta Thunberg fala em painel do 50º Fórum Econômico Mundial, em Davos, Suíça.



Fonte: Denis Balibouse/Reuters

Em termos de sustentabilidade ambiental, um dos casos mais emblemáticos da última década é o da petrolífera britânica British Petroleum (BP). Uma das gigantes do setor, a BP teve seu nome ligado a vários casos de degradação do meio ambiente com vazamentos de óleo em alto-mar. Entre eles, destaca-se o enorme vazamento no Golfo do México. Em 20 de abril de 2010, a explosão da plataforma “Deepwater Horizon”, operada pela BP, causou a morte de 11 trabalhadores e derramou milhões de barris de petróleo no oceano.

Em 2017, uma equipe de cientistas coordenada pela Universidade Virginia Tech divulgou a análise mais abrangente dos prejuízos financeiros sobre os recursos naturais da região: cerca de US\$ 17,2 bilhões (VIRGINIA TECH, 2017). Para “precificar” em dólares os recursos naturais impactados pela maré negra, os pesquisadores elaboraram cenário no qual cada indivíduo poderia atuar na prevenção de danos futuros pagando efetivamente por um programa específico. Durante seis anos, os cientistas mensuraram a disposição das pessoas a arcar por medidas que minimizariam o risco de danos semelhantes no futuro. A análise final revelou que, em média, uma família aceitaria pagar US\$ 153 – essa taxa foi então multiplicada pela quantidade de famílias da amostra para chegar ao valor final de US\$

17,2 bilhões.

Antes do desastre, diversos relatórios internos da BP já revelavam a fragilidade do equipamento de extração de petróleo, porém a companhia preferiu assumir o risco a interromper suas operações por alguns dias. O vazamento custou à empresa mais de U\$30 milhões em despesas de despoluição e multas, além de cortar seu valor de mercado pela metade e retirá-la do Dow Jones Sustainability Index, índice que reúne ações de empresas preocupadas com a sustentabilidade (HILLIARD, 2019).

A BP era a maior petroleira britânica, mas os interesses econômicos ofuscaram as medidas de segurança e sustentabilidade e, atualmente, a própria empresa corre risco de falência, além de ter provocado o maior vazamento de petróleo da história norte-americana.

Figura 1.3: Desastre ambiental da BP no Golfo do México.



Fonte: <https://www.theverge.com/2015/7/2/8882899/BP-oil-spill-settlement-18-billion-states-deepwater>

Até o acidente, a BP era uma das organizações de maior credibilidade do mercado internacional devido ao seu forte marketing voltado à sustentabilidade ambiental. Os números, porém, já indicavam o contrário; em 2008, ao tentar conferir um prêmio de greenwashing à BP, o Greenpeace descobriu que a empresa fazia um investimento pífio de apenas 1% em energia solar, en-

quanto óleo e gás seguiam recebendo 93% de financiamento (THE GUARDIAN, 2010).

O episódio da BP traz algumas importantes lições, como observa Ricardo Voltolini, professor de sustentabilidade empresarial da FGV e da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJE) (SOUZA, 2018, pp. 18-19):

1. *As questões do universo da sustentabilidade se impõem como variáveis cada vez mais críticas no sucesso ou fracasso de um negócio. Escolhas erradas, falhas estruturais, decisões infelizes e deslizes em processos que promovam impactos sociais ou ambientais serão crescentemente punidos com perda de valor econômico.*

2. *O prejuízo será tanto maior quanto maior for a comoção pública em torno do caso e o dano causado a um ecossistema ou a um grupo da sociedade. Investidores estão sempre muito atentos e, a partir do caso da BP no Golfo do México, passaram a desconfiar de empresas que tratam a sustentabilidade com displicência, desinteresse ou arrogância, ainda que seus balanços demonstrem certo vigor. A diferença entre o céu e o inferno pode estar na dificuldade de resolver uma falha técnica a 1.500 metros de profundidade no oceano.*

Quando a sustentabilidade fica só no discurso, os riscos aumentam. O caso da BP é típico. Dez anos antes, a empresa anunciou, por meio de uma campanha milionária de propaganda (estima-se algo como US\$200 milhões), que passaria a ser chamada apenas pelas iniciais, usando, como recurso para fortalecer o novo posicionamento, o mote “Beyond Petroleum” (“Além do Petróleo”).

Nos últimos anos felizmente temos visto

cada vez mais empresas tomando o rumo da sustentabilidade ao redor do mundo. Um bom exemplo dessa tendência é a Docol, companhia brasileira especializada em materiais de instalação hidráulica que estimula o consumo racional da água em seus processos produtivos e também em outras organizações. Para isso foi criado o selo Salvágua, certificando instituições que economizam água através da instalação de sua linha de torneiras automáticas que previnem desperdícios.

Figura 1.4: Projeto Salvágua.



Fonte: <https://www.docolfaucets.com/en/institucional/salvagua>

Estudos recentes revelam um acentuado crescimento dos chamados investimentos sustentáveis, formados por fundos de empresas vistas como mais conscientes em relação às questões socioambientais. Em abril de 2019, a Aliança Global de Investimentos Sustentáveis avaliou em US\$ 30,7 trilhões o volume de dinheiro alocado em investimentos sustentáveis nos cinco maiores mercados globais – uma expansão de 34% em apenas dois anos (GSIA, 2020).

Já uma pesquisa da Morningstar, divulgada em agosto de 2019, apontou que, no primeiro semestre de 2019, os fundos americanos baseados em critérios de sustentabilidade movimentaram US\$ 8,4 bilhões contra US\$ 5,4 bilhões em 2018. Conforme o mesmo levantamento, 34% dos fundos europeus sustentáveis estavam entre os 25% mais rentáveis de sua categoria no último ano, enquanto aproximadamente 63% estão entre os 50% de melhor retorno. Sustentabilidade, portanto, representa cada vez mais retorno líquido e certo (MORNINGSTAR, 2019).

O cenário brasileiro é semelhante. De acordo com a ANBIMA (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais), quase nove entre dez (85%) gestores de fundos brasileiros levam em conta os chamados fatores ASG (ambientais, sociais ou de governança) ao investir recursos de sua carteira total de R\$ 2,79 trilhões (ANBIMA, 2018).

A maioria dos grandes investidores contemporâneos exige políticas de não desmatamento de commodities, fundamentadas em prazos e compromissos específicos que abranjam toda a cadeia de suprimentos, um sistema transparente de controle e um relatório anual sobre exposição e gerenciamento de riscos.

Lucros financeiros e sustentabilidade podem e devem coexistir. Na Bolsa de Valores de São Paulo (B3), desde a criação do ISE (Índice de Sustentabilidade Empresarial), em 2005, as companhias que o integram tiveram uma valorização de 243% contra 219% do Ibovespa (B3, 2020).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **BERKELEY Rausser**, 2020. College of Natural Resources. Humanity & Future Earth. Disponível em: <https://ourenvironment.berkeley.edu/research/humanity-future-earth> Acesso em: 20/02/2020.
- **ESALEN**, 2012. Conscious Capitalism Institute. CONFERENCE SUMMARY 2ND INVITATIONAL CONCLAVE ON CONSCIOUS BUSINESS. Big Sur, California, March 11 - 15, 2012. Disponível em: https://www.esalen.org/sites/default/files/resource_attachments/CB-C2012Sum.pdf Acesso em: 20/02/2020.

• **HBR, 2013.** Harvard Business Review. Making Sustainability Profitable. Disponível em: <https://hbr.org/2013/03/making-sustainability-profitable> Acesso em: 20/02/2020.

• **WEF, 2020.** World Economic Forum Annual Meeting. Disponível em: <https://www.weforum.org/events/world-economic-forum-annual-meeting-2020> Acesso em: 20/02/2020.

• **VIRGINIA TECH, 2017.** BP oil spill did \$17.2 billion in damage to natural resources, scientists find in first-ever financial evaluation of spill's impact. Disponível em: <https://vtnews.vt.edu/articles/2017/04/cals-bp.html> Acesso em: 20/02/2020.

• **HILLIARD, Ivan.** Coherency Management: An Alternative to CSR in a Changing World. Palgrave Macmillan, 2019.

• **THE GUARDIAN, 2010.** The rise and fall of BP. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2010/jun/14/rise-fall-of-bp> Acesso em: 20/02/2020.

• **SOUZA, Marcia Cristina Gonçalves.** Condução ética e sustentabilidade empresarial. Editora Alta Books, 2018.

• **GSIA, 2020.** Disponível em: <http://www.gsi-alliance.org/members-resources/sustainable-investor-poll-on-tcdf-implementation/> Acesso em: 20/02/2020.

• **MORNING STAR, 2019.** 10 Sustainable Investing Stories of 2019. Disponível em: <https://www.morningstar.com/articles/959379/10-sustainable-investing-stories-of-2019> Acesso em: 20/02/2020.

• **ANBIMA, 2018.** Cresce o engajamento das instituições financeiras com a sustentabilidade. Disponível em: [https://www.](https://www.anbima.com.br/pt_br/imprensa/cresce-o-engajamento-das-instituicoes-financeiras-com-a-sustentabilidade-2CA08A87679D-D57F0167EA5434E54F34.htm)

[anbima.com.br/pt_br/imprensa/cresce-o-engajamento-das-instituicoes-financeiras-com-a-sustentabilidade-2CA08A87679D-D57F0167EA5434E54F34.htm](https://www.anbima.com.br/pt_br/imprensa/cresce-o-engajamento-das-instituicoes-financeiras-com-a-sustentabilidade-2CA08A87679D-D57F0167EA5434E54F34.htm) Acesso em: 20/02/2020.



**CAPITALISMO
CONSCIENTE**[®]
BRASIL